
Alimentando a Fé no Ambiente da Escola Cristã

George Akers

Alimentar a fé em cada aspecto do programa é responsabilidade de cada um na escola cristã.

“Observar escolas” é um dos meus passatempos prediletos. Em algumas ocasiões tenho tomado tempo para deixar a auto-estrada em uma viagem, apenas para checar uma pequena escola, colégio ou um programa pré-escolar anunciado em um cartaz ao lado da pista e conferir se tal escola condiz com as pretensões da sua propaganda.

Minha abordagem é simples: apresento-me como um estranho de passagem, intrigado pela propaganda da escola. Pergunto às primeiras

quatro pessoas que encontro no campus (tento selecionar dois adultos e dois alunos): “Que tipo de instituição é esta? É ela algum tipo especial de escola?” As perguntas que seguem são igualmente importantes: “E o que você faz aqui? Por que você escolheu estudar (ensinar/trabalhar) aqui?”

Se o entrevistado é um pai, eu adapto a pergunta: “Diga-me, por que você investe nesta escola o dinheiro ganho com tanto sacrifício, quando você já pagou os impostos e pode obter para o seu filho boa educação em uma escola pública não muito longe daqui?”

O que estou realmente procurando é alguma evidência de que alunos, professores e funcionários — ou patronos da escola — estão realmente em contato com o propósito distintivo da instituição e se podem, cada um de forma pessoal, articular o seu princípio organizador. Desejo que eles identifiquem o que nesta escola merece o sacrifício.

Este tipo de diversão tem-me recompensado com algumas entrevistas interessantes (e refletindo bem, outras preocupadoras) em escolas de quase todos os sabores religiosos e educacionais. Através de minha pesquisa ostensivamente curiosa e vinda de um turista, tenho sentido o pulso e a auto-identidade de uma escola. Raramente ouço um bem ensaiado tom de relações públicas.

Certa vez uma comissão de creditação escolar que visitava uma escola secular de primeiro grau abordou alunos no corredor para perguntar: “Qual o principal propósito desta escola?” Quase que cada uma das respostas foi uma variação do tópico, “esta escola se interessa, principalmente, com o tipo de pessoa em que me estou tornando”. Embora tenhamos que admitir que tal propósito, como expresso pelas respostas, não fosse de caráter religioso, ele certamente foi, do ponto de vista ético, altamente louvável e adequado à missão da escola. A preocupação pela edificação do caráter não era, obviamente, algo periférico ou casual nesta escola. Tal preocupação foi retida, mesmo pelos alunos, como um precioso elemento identificador. Os jovens freqüentemente têm um “sexto-sentido” para perceber o que realmente é importante para os professores e dirigentes da escola.

Há alguns anos fui o orador em uma noite de sexta-feira, em uma de nossas escolas. Depois do programa fui convidado para participar em uma reunião dos alunos, num dos prédios da escola. Detido no dormitório para um breve aconselhamento, cheguei depois que o grupo já tinha iniciado a programação de cânticos e testemu-

nhos com muito sorriso e lágrimas de alegria. Eu pensei, “Desejaria que os pais desta Associação pudessem ver e ouvir o que eu tenho o privilégio de testemunhar nesta noite. Eles nunca se arrependeriam de um único centavo gasto com sacrifício para que seus filhos pudessem receber este tipo de companheirismo e fortalecimento da fé.”

Mas o melhor ainda estava para vir — completamente como uma surpresa. Vários dos alunos mais velhos foram à frente com os seus instrumentos — um violão, banjo e gaita, se lembro-me corretamente. O presidente dos formandos dirigiu-se a mim. “Professor Akers, desejamos tocar a música de nossa classe para o senhor.” Anos de direção escolar, ensino e administração, instintivamente me alertaram, e pensei, “Oh, lá vem uma daquelas típicas canções narcizísticas, ‘olhem todos p’ra nós, aqui estão os maiores (etc.)!’”

Eu me perguntei, “Onde está o supervisor deste grupo? Como pode ser apanhado neste tipo de evento? Obviamente eles estão se apresentando para mim e esperam uma atitude de afirmação desta execução secular quando a tiverem terminado, a qual eu não posso estender. Que deverei fazer?”

Meu apreensivo auto-diálogo foi interrompido pela percepção de que a música que estava sendo apresentada e bem acompanhada, era de óbvio bom gosto e claramente reverente. Nada de vulgaridade. Olhei para as faces jovens radiantes de integridade e devoção. O final do primeiro verso falava das provações como sendo o instrumento de Deus para nos fortalecer. Mas quando eles entoaram a terceira estrofe, ela realmente falou-me ao coração:

Obrigado Senhor pelas montanhas

Agradeço também pelos vales,

Obrigado pelas tempestades permitidas.

Pois se nunca tivesse problemas

Nunca teria descoberto que Tu podes resolvê-los.

Nunca saberia o que a fé em Deus pode fazer.

(Coro) Através de tudo, através de tudo,

Aprendi a confiar em Jesus

Aprendi a confiar em Deus.

Através de tudo, através de tudo,

Aprendi a depender de Sua Palavra.¹

Que testemunho em favor da formadora influência e impacto espiritual das escolas cristãs! Que uma classe de formandos deliberadamente escolhesse uma música que era uma declaração de fé, para declarar ao mundo seus valores centrais, algo pouco provável e nada coerente com a cultura jovem de hoje, disse muito do ambiente geral daquela escola.

De fato, isto foi uma declaração altamente simbólica acerca do efeito cumulativo da combinação lar-igreja-escola durante o período crucial formativo daqueles jovens.

Enquanto dirigia para casa naquela noite, debaixo de uma tempestade de neve, refletia sobre minha experiência com aqueles adolescentes. Fizeram uma poderosa declaração acerca daquilo que era o centro de suas vidas. E isto não era apenas um frio assentimento intelectual; eles estavam experimentando Deus de forma pessoal, em relacionamento concertual que os ajudaria a atravessar as tempestades da vida com as quais se defrontariam. A vida de fé daqueles jovens havia sido cuidadosamente alimentada e estava agora florescendo. E não é precisamente isto que a maioria dos pais deseja intensamente para os seus filhos quando os enviam para as nossas escolas? Não somos nós reconhecidos como os mediadores espirituais para um encontro com o divino (certamente entendendo que tudo isto deve estar sob a operação do Espírito Santo, de quem somos cooperadores).

Sim, *alimentar a fé* em cada aspecto do programa é responsabilidade de cada pessoa na escola cristã, se é que a escola deve ser eficaz. Não é apenas função do professor de Bíblia ou do pastor/capelão do campus (os estudantes esperam que estes façam isto; eles deduzem que é para isto que são pagos).

É uma trágica situação quando um campus cristão está dividido entre domínios sagrado e secular, como se eles estivessem separados em compartimentos. Em muitas escolas cristãs, o currículo não é nada diferente de uma escola secular convencional (exceto pelo requerimento de classes de religião). Atividades religiosas tais como cultos diários, capelas, serviços de fim-de-semana e semanas de ênfase espiritual, são apenas mencionados. Em tais escolas as preocupações espirituais são mantidas fora dos estudos, para se conservar a “respeitabilidade acadêmica”. Essa atitude cria um dualismo, mantido pela própria escola, que ensina aos jovens uma clara mensagem acerca do lugar da religião. De fato, tal mensagem diz: “Você pode separar o secular do sagrado em sua vida, assim como nós, prudentemente, administramos tal distinção aqui na escola.” Tal mensagem tem profundas implicações sociológicas e espirituais. Ela constitui uma deplorável capturação da responsabilidade da escola.

Qual a influência de um professor em uma escola cristã secularizada? Nunca subestime o poder explosivo de uma bomba-de-tempo, simbolizada por um professor do tipo não clerical, o qual faz casuais, mas autênticas observações

espirituais; que fala tão livre e naturalmente acerca do sobrenatural como dos eventos naturais — como o clima. Multiplique isto por todo o corpo docente e você tem um efeito exponencial, porque ele se transforma em um esforço de equipe. É precisamente esta abrangência intencional da missão e inteireza de consistência no propósito, que dá à escola cristã sua potência singular e seu poder de transformar vidas. Nenhum dualismo, bifurcações ou fraturas de realidade. Se sentirem tal inteireza, a maioria dos pais adventistas sacrificaria qualquer coisa para garantir que seus filhos sejam treinados na “admoestação do Senhor”. Este é o sagrado dever dos professores cristãos.

É claro, os pais esperam que forneçamos uma educação de primeira classe, no sentido secular convencional, enquanto que ao mesmo tempo seja provido um treino religioso completo. Os resultados da pesquisa *Valuegenesis* tornaram isto bem evidente. Na educação adventista, treino acadêmico e treino religioso não são opções que se excluem mutuamente. Devemos manter ambos, e na melhor expressão deles.

Reconhecendo o trabalho profundamente espiritual e a influência do professor cristão, a Associação Geral, alguns anos atrás, mudou o título da credencial do professor para “Ministro de Educação”. Qualquer que seja a disciplina, os professores cristãos são, em primeiro lugar e acima de tudo, pastores. O santuário deles é a sala de aula; seu púlpito, a cátedra e seus alunos são os membros de sua congregação. Que privilégio e honra guiar os alunos na sala de aula, confraternizar-se com eles no campus da escola e interagir, a curta distância, durante algumas horas cada dia, influenciando-os para Deus, através do ensino, companheirismo, conversações e estilo de vida geral.

Isto nos leva a um ponto extremamente importante na integração da fé ao aprendizado: o clima psicológico da sala de aula. No centro deste processo está o relacionamento do professor com os alunos. A influência será efetiva apenas se o professor realmente ama seus alunos e respeita a individualidade deles, como Jesus sempre o fez, tratando cada um com extrema cortesia e gentileza. A mais completa e tecnicamente hábil integração da perspectiva religiosa ao aprendizado falhará se o professor não tiver genuíno interesse. Uma atitude fria e exigente com os alunos pode ser mortífera — neutralizando completamente, ou mesmo revertendo o efeito da educação cristã. De fato, o amor ágape é fundamental em todo processo de integração entre a fé e o aprendizado.

Na medida em que leio a literatura religiosa educacional de outras igrejas, percebo que não estamos sozinhos em reconhecer que o profissionalismo, embora seja um imperativo, pode ser comprado a um preço muito caro. Ele nos faz diminuir a natureza pastoral e profética do nosso chamado e tende a obscurecer nosso senso de missão espiritual. Ao escrever que “uma influência cristã deve envolver nossas escolas...”² Ellen White estava falando acerca do que chamamos de integração entre fé e aprendizado. Ela quis dizer que o fator espiritual deve estar unido a todo o processo da educação cristã, quer ele ocorra em escola paroquial de uma única classe, em uma escola de primeiro grau ou em uma universidade. Ela *quis dizer* que tudo o que acontece numa escola deve promover e reafirmar a visão cristã do mundo.

A *mais completa e tecnicamente hábil integração da perspectiva religiosa ao aprendizado falhará se o professor não tiver genuíno interesse.*

Estamos, finalmente, começando a compreender que a integração da fé e aprendizado não existe em programas e materiais, mas em pessoas. É mais do que meramente relacionar a perspectiva cristã à disciplinas seculares tradicionais. Isto pode aparecer como uma caricatura ingênua — ou mesmo como um esforço intelectualista. De qualquer forma, os alunos instintivamente verão isto como algo inautêntico, porque tal esforço falha em unir tudo em um todo crível e completo. Apenas o ensino dentro de uma visão do mundo e com referencial distintamente cristão pode realizar nossos objetivos. Mapas curriculares religiosamente organizados e recursos pedagógicos são impressionantes e mesmo indispensáveis — mas no final, *a integração ocorre apenas através dos esforços do professor*. Ele é o elemento catalisador. Quando o professor entra na sala de aula e fecha a porta, ele é o currículo, porque o aprendizado é grandemente comunicado através da sua visão do mundo. O professor se torna o grande intérprete, aquele que dá significado. A informação é inerte até que alguém dê a ela significado humano e espiritual. Esta é a razão por

que é importante que a vida do professor e seus pontos de vista sejam completamente cristãos.

Este trabalho de modelação é tanto manifesto como sutil, porque as coisas a respeito das quais o professor é silente e as coisas que o interessam fazem uma poderosa declaração aos alunos a respeito do que é digno de se discutir e o que eles devem considerar importante. Assim, mesmo o silêncio se torna uma mensagem. Ele diz: “Confie em mim, meninos. Eu não desperdiçaria o tempo de vocês com algo que é irrelevante e não essencial. Eu falo apenas acerca daquilo que vocês vão *realmente* necessitar na vida.” Esta mensagem fica profundamente registrada no psiquismo dos jovens. E a resposta subliminar é mais ou menos esta: “Se o meu herói, aquele que realmente está ‘por dentro’, aquele que realmente ‘sabe das coisas’, não sente que seja necessário centralizar sua vida em Deus (exceto pela religião do sábado), e é geralmente desinteressado em religião organizada, por que eu deveria atribuir muito valor a isto?” Pensamento sério, não é?

Ao contrário do professor secular, o qual trata apenas com uma questão, o professor cristão leva em sua vocação dois tipos muito especiais de especialidade:

1. A habilidade de amar os jovens, como Cristo os ama. Esta visão paternal e pastoral do aluno deve dar sabor a todo contato do professor com o aluno.

2. A habilidade de atuar diante dos alunos como um modelo do processo de “pensar de forma cristã”. Esta é uma função profética — significa passar tudo sob o escrutínio do cristianismo; contrastar a perspectiva contemporânea com a eterna. Pensar a partir da dimensão cósmica e eterna, esforçando-se para examinar tudo do ponto de vista do céu. (Não é precisamente isto que “crescer na graça” significa?)

Isto pode ocorrer mesmo quando um professor “pensa em voz alta” diante dos seus alunos, na medida em que eles enfrentam juntos sérios problemas, equilibrando racionalidade com revelação. Isto inclui supervisionar e guiar os alunos no processo em que eles praticam este novo comportamento. Pode também incluir auto-revelação autêntica, discussões francas de como o professor tem integrado a fé e o aprendizado em sua vida profissional, bem como lutas pessoais vencidas através do relacionamento com Cristo. Isto é *exemplificação* da fé em cada aspecto do ministério pedagógico.

Uma consideração primária em qualquer linha de estudo, em qualquer nível, é que *o conhecimento não deve flutuar solto; ele deve estar*

sempre ancorado em alguma noção básica da realidade. Tal pressuposição presume fé em algo. Na escola cristã, é o professor que ajuda o aluno a ligar e filtrar as idéias dentro da visão cristã do mundo. Isto requer a utilização de *princípios bíblicos* como estímulo e referencial. Em sentido mais elevado, isto é real integração da fé e o aprendizado — e esta é uma das melhores abordagens disponíveis para promover o pensamento analítico.

Conseqüentemente, professores cristãos que levam a sério este processo de integração da fé e o aprendizado devem estudar como tornarem-se mais sensíveis e mais hábeis em relacionar disciplinas e ética contemporânea e moral às questões espirituais. No mundo transformado à semelhança de Sodoma, os alunos estão entrando em uma era de apostasia quase que universal, portanto devemos equipar os jovens para que pensem claramente sobre aquilo que crêem e aquilo por que eles se erguem — sozinhos, se necessário. Eles necessitam aprender e praticar estas habilidades agora em nossas escolas.

A integração da fé e o aprendizado não é apenas a última “moda” em educação cristã. Não, ela é precisamente a *essência* da educação religiosa, tão antiga quanto a própria noção (leia Deuteronômio 6:3-7, para ver o que Deus ordenou a Moisés comunicar ao povo em relação com a totalidade e consistência do exemplo paterno e pedagógico).

O que realmente deveria nos impressionar é a compreensão de que este aspecto da educação cristã é comunicada mais por “contágio” do que por ensino. Nosso mais elevado dever e privilégio, então, é exemplificar isto em nossas próprias vidas e torná-lo irresistivelmente persuasivo e impelente aos alunos. Embora isto possa parecer uma ordem impossível, Deus prometeu assistência especial em dar-nos credibilidade e unção.

Há três tipos de fé, que devemos ver harmoniosamente integrados em uma escola cristã: fé doutrinária (teologia correta), baseada na Bíblia; fé eclesiástica (ser parte da família de Deus na Terra); e fé experimental (confiança pessoal em nosso relacionamento com o Senhor). Devemos afirmar estes três tipos de fé em cada oportunidade. Como o apóstolo Paulo diria a respeito de tal “trindade”, “mas a maior de todas é a *experiência*”. Esta é a razão pela qual o pequeno coro entoado pelos graduandos para mim, naquela noite, foi tão efetivo; ele testemunhou que em segurança podemos confiar que Deus está no controle de tudo aquilo que Ele permite vir sobre nós.

Hoje, quando vemos o mundo conturbado, prestes a encontrar-se com o Senhor, este aspecto da educação cristã parece especialmente oportuno. Estes jovens com quem Deus nos tem dado a oportunidade de trabalhar são candidatos às honras imortais. Contudo, eles também provavelmente enfrentarão um tempo de prova tal como a humanidade nunca experimentou antes. Necessitarão relacionamento pessoal, caminhar de forma experiencial com o Senhor para sobreviver tudo.

Em visão profética a serva do Senhor viu o nosso tempo e deixou-nos uma mensagem especial. Se tal mensagem tinha um som de urgência em 1908, quando ela referiu-se à uma educação orientada para a crise vindoura, a mensagem é muito mais relevante agora:

Na vigília da noite estas palavras foram ditas a mim: "Responsabilize os professores em nossas escolas a prepararem os estudantes para o que está para vir sobre o mundo."

Ellen White continua esta declaração com uma aplicação pedagógica:

*O caráter da educação dada deve ser grandemente mudada antes que ela receba o molde correto para nossas instituições. É apenas quando os poderes intelectuais e morais são combinados... que a norma da Palavra de Deus é alcançada.*³

Incidentalmente, se você não tem lido o *Conflito dos Séculos* por muito tempo, fortemente recomendo que você, numa tarde de sábado, investigue os oito últimos capítulos. Estas profecias descrevem os últimos eventos nos quais os nossos alunos estarão em breve envolvidos. O capítulo arrebatador, "Nossa Única Salvaguarda" tem uma clara mensagem: Apenas aqueles cujas mentes foram fortalecidas pela Palavra de Deus e saturadas pelos *princípios divinos*, tenazmente abraçados em face dos terríveis enganos, sobreviverão às últimas crises.

E esta é a nossa missão, queridos colegas. Esta é a mais bela obra dada aos seres humanos, ensinar nossos alunos como viver pela fé, e por um simples "assim diz o Senhor".

Estas técnicas resistentes de sobrevivência espiritual devem ser construídas na vida dos jovens agora, em nossas classes, em nossos campi. Alguns dos nossos alunos se levantarão e chamar-nos-ão bem-aventurados, pois não falhamos com eles no período crucial de sua preparação.

O diabo não está trabalhando em base de meio expediente apenas e ele não está permitindo que sua mensagem seja difundida apenas em uma pequena parte do mundo por

racionalizações eruditas. Sua estratégia é de saturação total. Nós não podemos fazer menos.

O conflito é real. Organizar nossas salas de aulas e campi universitários para cultivar e afirmar a vida de fé dos nossos alunos através de cada faceta da escola deve ser a missão primária da educação adventista.

Talvez seria uma boa idéia programar uma reunião de professores em sua instituição, tão logo quanto possível, uma sessão de profunda investigação espiritual, devotada a esta preocupação: "É a sustentação da fé uma verdadeira e completa característica de nossa escola? Está algum dualismo institucional acontecendo aqui? Se este é o caso, quais os primeiros passos que deveriam ser dados para reverter tal situação?"

Estou certo de que os Observadores Invisíveis estarão, nesse dia, tomando cuidadosas anotações e certamente trarão motivações sobrenaturais. Deus há de abençoar nossos fervorosos esforços e fará de nossas escolas aquilo que Ele deseja que elas sejam.

Dr. George Akers atualmente é professor emérito do Departamento de Ensino e Aprendizado, na Faculdade de Educação da Andrews University, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A. De 1985 a 1990 ele serviu como o diretor mundial de educação da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Durante quarenta e cinco anos serviu ele à educação adventista. Atuou também como preceptor, diretor de escola de primeiro grau, administrador universitário em diferentes cargos e professor de estudos pós-graduados.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. "Through It All" por Andrae Crouch. Direitos autorais em 1971, registrados por Manna Music, Inc., 35255 Brooten Road, Pacific City, OR 97135, E.U.A. Direitos autorais internacionais assegurados. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.
2. Ellen G. White, *Fundamentals of Christian Education* (Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1923), pág. 473.
3. *Ídem.*, págs. 526, 527.